CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES: UMA ATUAÇÃO POLÊMICA

*Maria Ruth Amaral de Sampaio**

RESUMO: O arquiteto Christiano Stockler das Neves, desde a década de 10 participou ativamente, junto com seu pai, o engenheiro Samuel das Neves, do desenvolvimento urbano de São Paulo. Teve papel destacado no início do processo de verticalização da cidade, tendo sido autor de inúmeros projetos nos quais utilizou novas técnicas construtivas. A influência que recebeu da École des Beaux Arts através da Universidade da Pensilvânia, onde diplomou-se em arquitetura, foi decisiva e fez dele um cultor da beleza e da tradição e um crítico da arquitetura moderna. Fundador do curso de arquitetura em 1917, na Escola de Engenharia Mackenzie, foi também seu diretor, até 1957, tendo participado da formação de 40 turmas de arquitetos. Fundou em 1929 o IPA, Instituto Paulista de Arquitetos.

UNITERMOS: Christiano Stockler das Neves; desenvolvimento urbano; verticalização; ensino arquitetura; oposição ao modernismo.

Este trabalho tem por objetivo discutir alguns aspectos da atuação do arquiteto Christiano Stockler das Neves na cidade de São Paulo, através de seu desempenho profissional e de suas atividades didáticas, uma vez que ele participou da formação de pelo menos 40 turmas de arquitetos . As origens e as principais características de seu pensamento sobre a arquitetura e a cidade, sua intensa atividade, inclusive política, expressa através de artigos em revistas técnicas especializadas, em inúmeros jornais e mesmo em programas de rádio, fornecerão elementos para essa análise.

A escolha de Christiano das Neves foi decorrente de uma série de fatos: apesar de sua atuação, hoje ele é uma figura quase esquecida e pouco estudada. A cessão do acervo de suas obras à FAU/USP, constituída de projetos, planos, artigos, livros, nos propiciou a oportunidade de melhor conhecer suas idéias, que durante um certo período tiveram repercussão não só pela veemencia com que eram expressas, em

* Professora do Depto. de História da Arquitetura e Estética do Projeto – FAU/USP.

função de suas atividades didáticas, de seus esforços em regulamentar e defender a classes dos arquitetos, de sua participação na criação do primeiro órgão de classe dos arquitetos, o IPA-Instituto Paulista de Arquitetos, como das posições polêmicas que assumiu.

Christiano Stockler das Neves nasceu em Casa Branca, SP, em 1889. Era filho de Samuel das Neves, baiano, diplomado em agronomia, que no final do século mudou-se para São Paulo, onde fez inúmeras amizades, e passou a ter um escritório movimentado. "Não sendo arquiteto, somente executou projetos alheios e, em seus arquivos de desenhos, de 1892 em diante, encontram-se inúmeros projetos pretensamente *art nouveau*, conforme era a moda." Seu maior interesse entretanto, salienta Lemos, estava na "reformulação urbanística da cidade"[1].

Christiano, depois de ter feito seus estudos iniciais em São Paulo, em 1911 obteve seu diploma de arquiteto na Universidade da Pennsylvania, onde a influência da École des Beaux Arts de Paris foi fundamental para a formação de seu pensamento. Após ter se formado, Christiano passa seis meses viajando pela Europa antes de retornar ao Brasil em 1912.

Em 1910, enquanto Christiano ainda estudava na Pennsylvania, aconteceu "um dos mais notáveis episódios da história do urbanismo em São Paulo: um grupo de cidadãos requeria ao Congresso Legislativo do Estado licença para construir na cidade três amplas avenidas com todos os melhoramentos da época. Faziam parte do grupo os Srs. Conde de Prates, Plínio da Silva Prado, José Paulino Nogueira, José Martiniano Rodrigues Alves, Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Arnaldo Vieira de Carvalho, Nicolau de Souza Queiroz, Barão de Bocaina, Alexandre de Albuquerque, Horácio Sabino e Silvio de Campos"[2].

Esse grupo de pessoas significava o que havia de mais representativo na cidade no campo das finanças, agricultura, comércio, medicina, política e capital imobiliário. Assim, capitais provenientes de várias origens, uniam-se para tornar realidade o plano denominado "Grandes Avenidas", de Alexandre de Albuquerque, engenheiro paulista professor da Politécnica.

Uma vez pronto este projeto, dois outros foram formulados: um, realizado pela Prefeitura Municipal, de autoria dos engenheiros Eugenio Guilhem e Victor da Silva Freire, este último português, chegado à São Paulo em 1895, formado em Paris pela École des Ponts et Chaussées, e funcionário da Prefeitura, na Superintendência de Obras Públicas. O outro projeto, de iniciativa da Secretaria de Agricultura, era de autoria de Samuel das Neves.

É natural que tantas iniciativas visando remodelar a cidade criassem um clima de debates, bastante incentivado pela imprensa. Nessa ocasião, foi chamado pelo Prefeito Antonio Prado para tomar parte nos estudos, o arquiteto francês J. A.

1. LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo, Nobel, 1985.
2. TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo, Duas Cidades, 1981.

Bouvard, diretor honorário dos serviços de arquitetura e dos passeios, de viação e plano de Paris, que chegou a uma solução conciliatória, pondo fim as divergências que diziam respeito principalmente à forma de aproveitamento da encosta entre a rua Libero Badaró e o Vale do Anhangabaú, optando-se finalmente pela construção de dois edifícios, com espaço de 29 metros entre eles, ocupado por um terraço-belvedere debruçado sobre o parque. Esse conjunto de dois edifícios e belvedere, foi de autoria de Samuel das Neves[3]. Por décadas, essa encosta do Anhangabaú constituiu a vista mais característica de São Paulo.

É importante lembrar que a realização das grandes obras de renovação da capital paulista mereceu de Rodrigues Alves, investido na presidência do Estado em 1912, uma série de reparos sobre as cautelas a serem tomadas para evitar possíveis prejuízos e as conseqüentes críticas, como acontecera, anos antes, em relação às grandes obras realizadas durante seu governo na cidade do Rio de Janeiro[4].

O jovem Christiano das Neves chega a São Paulo nesse clima, juntando-se ao escritório de seu pai. Não conseguimos informações seguras sobre a participação de Christiano no projeto desse conjunto do Anhangabaú. A cidade, nesses anos que antecederam o fim da primeira guerra mundial, passava por grandes transformações. Segundo Christiano, "a Diretoria de Obras da Prefeitura de São Paulo, naquela época, não tinha visão exata do seu crescimento, de suas necessidades, além de se descurar da estética urbana." A Paulicéia das ruas estreitas e casas modestas, que cabia no Triângulo e existiu até a Primeira Guerra, dava lugar a um outro São Paulo, industrial, onde a área da cidade é ampliada em proporções incomuns. A esse desenvolvimento considerável, "não podia deixar de corresponder uma extrema intensificação da existência urbana, que marcaria, a fisionomia da cidade"[5].

A preocupação com a estética numa cidade que crescia a ritmo acelerado, onde influências de toda a sorte faziam com que São Paulo ostentasse o "carnaval arquitetônico" a que se referiu Monteiro Lobato, fez com que, seis anos depois de ter retornado ao Brasil, Christiano criasse, em 1917, na Escola de Engenharia Mackenzie o Curso de Arquitetura, passando a divulgar os conhecimentos aprendidos na Universidade da Pensilvânia, onde predominava a influência da École des Beaux Arts de Paris.

3. Segundo Christiano, esses dois edifícios, pertencentes ao Conde de Prates, foram os primeiros a possuir estrutura metálica em São Paulo, importada da Inglaterra, de onde vieram os montadores. O preço dessa estrutura foi de 600 réis por quilo. Tinham os mesmos, caixilhos de aço fabricados especialmente pela firma inglesa "Hope", sendo grande parte dos materiais importada da Inglaterra, Alemanha, Bélgica e Itália. Todos esses materiais chegavam a São Paulo de 20 a 30 dias depois de feito o pedido por códigos telegráficos das respectivas firmas.
4. Francisco de Paula Rodrigues Alves, carta ao Barão de Duprat, 18 de novembro, 1912. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, lata 807, pasta 7.
5. BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. José Olympio. Rio de Janeiro, 1954.

Os dois edifícios construídos por Samuel das Neves na encosta do Anhangabaú e, ao centro, o Edifício Sampaio Moreira, de autoria de Christiano Stockler das Neves. Fotografia do acervo do Dr. Geraldo de Paula Souza.

Nesse mesmo ano Christiano projeta e constrói, seguindo a tendência de verticalização que começa a se esboçar na área central, o edifício Riachuelo, de 6/7 andares, situado à rua Líbero Badaró. Em 1924, projeta o edifício Sampaio Moreira, com 14 andares, uma de suas obras mais famosas, com fachada inspirada no estilo Luiz XVI, situado também à rua Líbero Badaró, em frente aos edifícios projetados e construídos por seu pai. Segundo Carlos Lemos[6], o primeiro escritório de arquitetura que, em São Paulo, calculou grandes estruturas de concreto armado para edifícios altos foi o de Samuel das Neves e Lemos atribuiu à influência de Christiano o início dos projetos de estruturas de concreto armado.

Christiano considerava-se um moderno, e em alguns sentidos ele realmente o era. O uso pioneiro de grandes estruturas de concreto armado é prova dessa modernidade. Milton Vargas[7] considera possível que "tenha sido com o advento do concreto armado, no início do século, que se tenha definitivamente estabelecido, no Brasil, a construção civil em termos industriais." Anhaia Mello considerava que a introdução do concreto armado causou uma verdadeira revolução, "o edifício evoluiu de crustáceo a vertebrado, e a idéia tradicional de arquitetura-muro, ritmado, decorado, foi substituída pela de arquitetura-espaço-organizado, e delimitado com absoluta flexibilidade por materiais que permitem ao mesmo tempo afastar o elemento cósmico hostil e manter contato com o elemento cósmico vital, necessário ao binômio fundamental: homem-natureza"[8].

A atuação de Christiano, nesse sentido, pode até ser considerada contraditória, uma vez que ele era um grande opositor da estandartização. Três aversões caracterizavam seu pensamento: a aversão à estandartização, ao abandono da tradição e ao culto do modernismo com pretensões à originalidade.

Confessava-se "adepto de uma religião definida e dentro de seu credo exerceremos um sacerdócio; seremos oficiantes da inacessível Beleza, sempre admirada por todos os povos, desde que se formou o mundo"[9]. A influência da Escola de Belas Artes de Paris aparecia aí com vigor: "não possuindo o Brasil uma tradição de arte que mereça culto, temos que nos cingir à orientação dos povos, que a possuem definida e que modernizam os grandes estilos históricos... A arquitetura na França tem progredido enormemente, e ela hoje é incontestavelmente a nação líder da arte hodierna"[10].

Era contrário ao que chamava de "precipitações" em arte, e era considerado "tradicionalista" pela geração modernista, que não queria reconhecer que "a arte,

6. LEMOS, Carlos A.C. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo, Nobel, 1985.
7. VARGAS, Milton. A Industrialização de Construção e a Pesquisa Tecnológica no Brasil. *In: Quipu*, v. 5, n. 2, mai/ago./1988. p. 191-210.
8. ANHAIA MELLO, L. *A Arquitetura da Cidade Universitária. O problema da forma e o "zeitgeist"*. Palestra proferida em 24 de outubro de 1944, na Galeria Prestes Maia.
9. NEVES, C.S. Escopo da Revista. *Architectura e Construcções*. Agosto de 1929. v. I.
10. *Idem*. A pretensa arquitetura moderna. *In: Architectura e Construcções*. ago./1929, v. I.

para ser certa, tem que evoluir lentamente". No seu entender, "as belas épocas da arte eram aquelas em que a tradição foi mais respeitada, onde o progresso era o aperfeiçoamento contínuo e havia evolução e não revolução".

Sua admiração pelos Estados Unidos era inconteste, e louvava esse povo que apreciava tanto as belas artes. "Se fossem utilitários, não pagariam altos preços pelos objetos de arte; não manteriam inúmeros cursos de belas artes em suas universidades, não enviariam seus filhos para a escola de Belas Artes de Paris, mas sim para Detroit, afim de conseguirem, pelo processo Ford, a estandartização da arquitetura, pintura e escultura".

Uma de suas principais idéias, presente em quase toda sua obra, é contra aqueles que praticam a arquitetura insistindo sobre a ciência. Declarava jamais aceitar o absurdo de se transformar a arquitetura em ciência. Pretender tornar a arte ciência ou industrializá-la, com a estandartização, fazê-la apenas utilitária, é uma coisa tão absurda que só pode ocorrer aos que não a estimam, não sentem a sua beleza, não possuem emotividade. "A estandartização na arquitetura, torna o arquiteto um negociante, um industrial, mas nunca um artista"[11]. Recorria a Ruskin dizendo que "não há normas e modelos para as produções de uma grande arte porque, assim, esta deixaria de existir para se tornar uma manufatura"[12]. Desprezava "aqueles que procuram enaltecer as estruturas de aço ou de concreto armado, julgando conseguir com elas a condição principal da arquitetura – a beleza"[13]. Lembrava que os arquitetos americanos já empregavam estruturas de aço há mais de 30 anos nos seus arranha-céus, fazendo esforços enormes na aplicação de velhos estilos de arquitetura nesses edifícios, não cogitando de um novo estilo porque sabem que "não há arte sem estilo e nem estilo quando se o procura"[14].

A revista *Architectura e Construções*, fundada em agosto de 1929 por um grupo de engenheiros e engenheiros arquitetos[15] dedicava grande atenção às novas técnicas construtivas. Já no primeiro número da revista, o Eng. Júlio Capua afirmava que "hoje já não se registram mais protestos de alguns arquitetos sobre a inferioridade do concreto armado sob o ponto de vista estético. É inútil enumerar as muitissímas obras de arte, verdadeiramente grandiosas, nas quais o concreto armado mostra o partido que dele se pode tirar, quando projetadas por um grande artista e executadas por um bom construtor[16].

11. *Idem.* O comunismo architectonico: vaticinios de Keyserling para o Brasil. *In: Architectura e Construcções.*
12. *Idem.* O comunismo architectonico. Cit.
13. *Idem.* A pretensa architectura moderna. Cit.
14. *Idem. Ibidem.*
15. Eram colaboradores efetivos da *Architectura e Construcções* os Prof. Drs. Antonio Ippolito, Arthur Motta, Christiano Stockler das Neves e o Dr. Dacio A. de Morais.
16. CAPUA, Julio. O concreto armado. *In: Architectura e Construcções.* Ago./1929, v. I.

Francisco Prestes Maia, publicou também dois artigos na revista, em 1932, sobre "Progressos e tendências do concreto armado." A bibliografia apresentada em todos os números da revista trazia as últimas novidades em livros técnicos não só de nosso país como também do estrangeiro.

Christiano considerava "artistas sensatos" aqueles que faziam arquitetura adaptando os progressos da ciência e do conforto modernos às suas concepções, sem se afastar radicalmente das normas estéticas e da experiência que centenas de séculos lhes legaram. De outro lado, "estavam os inimigos da arte que são os que querem industrializá-la, estandartizá-la, como se faz com o maquinismo e outras coisas apenas utilitárias"[17].

A necessidade de existir um controle estético das construções urbanas era uma de suas preocupações, expressa na revista *Architectura e Construcções*. Louvava o Dr. Anhaia Melo que, quando Prefeito de São Paulo, "houve por bem instituir a censura estética para os projetos de edifícios, a fim de cessarem os abusos dos arquitetos de mau gosto e dos mestres-de-obras na sua prática criminosa de afear a nossa urbe com suas monstruosidades." A constatação de que essa "louvável iniciativa do Dr. Anhaia não estava sendo devidamente executada pela Diretoria de Obras," levou-o a apelar ao ilustre e operoso Eng. Arthur Saboya, "a fim de que torne efetiva aquela censura, pois esse será o único meio de livrarmos São Paulo desses abortos que depõem contra nossos foros de cidade culta"[18].

Em 1927 obteve o prêmio de honra da III Exposição Pan-Americana de Arquitetura, realizada em Buenos Aires com o projeto da estação de São Paulo da Estrada de Ferro Sorocabana. Recebeu também medalha de ouro durante a IV Exposição Pan-Americana de Arquitetura, que se realizou no Rio de Janeiro, em 1930 e do qual foi vice-presidente.

O projeto da Estação Sorocabana foi elaborado em 1926, durante o governo de Carlos de Campos. Christiano lamentava que no Brasil é comum aos administradores não levarem avante os planos e iniciativas de antecessores. A construção iniciada nesse governo prosseguiu durante a gestão Julio Prestes, embora o projeto do edifício, vasado em linhas monumentais, fosse considerado exagerado para a época. No governo de Armando de Salles Oliveira, segundo Christiano, mãos estranhas ao projeto introduziram impiedosas alterações que afetaram a integridade da obra, em "flagrante desrespeito à matéria que dispõe sobre a propriedade artística, que veda toda e qualquer modificação na obra de arte sem consentimento de seu autor." Segundo Christiano, apesar de seus protestos, foram praticadas barbaridades de toda sorte. O coroamento do edifício, a sua parte dominante, composta de artísticos telhados de estilo francês, foi suprimido. As estruturas metálicas destes telhados, já colocadas na obra, foram retiradas e vendidas pela metade do preço de

17. NEVES, C. S. O que é Arquitetura. *In: Architectura e Construcções*. Dez./1929, v. I, n. 5.
18. A Censura Esthética. (sem autor). *In: Architectura e Construcções*. Mar./1930, v.III, n. 3.

custo. O coroamento da torre, em puro estilo francês, em harmonia com aqueles outros telhados, foi transformado numa cúpula em estilo da renascença italiana. Mais ainda, o grande *hall* da estação, a sua sala de passos perdidos, foi transformado num jardim provinciano, para não ser feita a respectiva cobertura. Prejudicou-se assim a circulação do edifício, em detrimento de sua monumentalidade interna.

Outra questão na qual Christiano envolveu-se em defesa de sua obra relaciona-se a modificações efetuadas no projeto do edifício do Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro, sem seu consentimento. A administração posterior à aprovação desse projeto, já em franca execução, quis obrigá-lo a fazer certas modificações por ele julgadas prejudiciais à sua concepção. Recusando-se a fazê-las, teve seu contrato rescindido e foi submetido a um inquérito policial-militar, em pleno regime ditatorial, inquérito esse eivado de parcialidade e que visava mais a pessoa do General Diretor da Engenharia, que mandara fazer o projeto, do que a de seu próprio autor. Foi considerado inidôneo para trabalhar nas repartições subordinadas ao Ministério da Guerra, por ter se recusado a fazer as modificações solicitadas, escudado em cláusula contratual. O General atingido, exigiu a nomeação de Comissão de Sindicância, que concluiu finalmente pela improcedencia do ato. A nota degradante, publicada ostensivamente em todos os jornais, foi cancelada. À reparação do fato, todavia, não foi dada a mesma publicidade.

Fatos como esse abundaram na vida profissional de Christiano das Neves. Em defesa de seus projetos entrou com um sem número de ações na justiça contra prêmios e pagamentos não recebidos, e principalmente contra modificações não autorizadas em seus projetos, chegando a "registrar em cartório os croquis das fachadas para o Palácio do Governo em São Paulo, concurso de 1927[19].

A luta pela instituição de concursos de arquitetura para obras públicas, a defesa da autoria de projetos, a regulamentação da profissão, a anulação de decretos e atos que julgava serem prejudiciais aos arquitetos foram tarefas em que se empenhou durante sua vida. O Instituto Paulista de Arquitetos, IPA, órgão de classe dos arquitetos, criado em 1930, foi outra de suas realizações. A revista *Architectura e Construcções*, ligada ao IPA, foi útil na divulgação de um dos principais objetivos do Instituto: "trabalhar, junto aos poderes públicos, no sentido de prestigiar e beneficiar o exercício da profissão."

Toda a atuação didática de Christiano desenvolveu-se no Mackenzie. O curso de Arquitetura, fundado em 1917, funcionou regularmente até 1946, ligado à Escola de Engenharia. O interesse despertado entre os estudantes pela arquitetura fez com que ele fosse desmembrado, passando a constituir, a partir de 1947, a Faculdade de Arquitetura Mackenzie, sendo Christiano seu primeiro diretor. Nesse ano, inscreveram-se para o concurso de habilitação 87 candidatos para 25 vagas.

19. ESPIRITO SANTO, José Marcelo. *Catálogo de desenhos de arquitetura da Biblioteca da FAU/USP*. 1988.

Durante 40 anos Christiano ensinou arquitetura. Ensinava Composição Arquitetônica para todos os anos da Faculdade, e "achava que arquiteto só aprende a projetar projetando, e para isso tem que saber desenhar"[20]. Não era favorável a leituras sobre arquitetura, nem mesmo revistas. Na biblioteca do Mackenzie havia alguns poucos livros clássicos, Guadet,[21] tão caro a Christiano, por exemplo, mas poucos liam. Christiano dava dois projetos básicos, semestrais, que iam desde os mais simples, para os primeiros anos, "Pequenas composições da arquitetura", como projetar uma edícula, por exemplo, até os mais complexos, para os anos mais adiantados, "Grandes Composicões da Arquitetura", como um prédio de escritórios no centro da cidade.

Suas aulas iniciais eram sobre arquitetura clássica, duravam duas horas, e depois desenhava-se. Ele exigia que fossem desenhos de estilo grego, romano, vindo até ao estilo das *Beaux Arts*; a última coisa que se poderia fazer cronologicamente era Luiz XVI, mas isso só no quarto ou quinto ano da Faculdade. No primeiro ano era só clássico, e era necessário decorar Vignola. O modernismo que ele permitia era o *art-deco*.

Por ocasião do quinquagésimo aniversário da criação do curso de Arquitetura na Universidade Mackenzie, Christiano, já aposentado, atribui "todo o sucesso obtido pelos arquitetos do Mackenzie unicamente à influência dos métodos didáticos utilizados", que eram os mesmos da Universidade da Pennsylvania.

O pensamento urbanístico de Christiano das Neves

Anhaia Mello em um de seus artigos[22] diz que três são as posições que o arquiteto pode ocupar relativamente a planos de cidade. Mero auxiliar, solicitado apenas para estetizar determinados elementos de um urbanismo não arquitetônico, regente de orquestra, coordenador de todos os elementos de que o plano se compõe, ou tirano inflexível, forçando tudo nos moldes da própria concepção arquitetonica, mais ou menos arbitrária. Essa terceira posição, característica do Renascimento e periodos que se seguiram imediatamente, anteriores ao industrialismo, foi denominada por Patrick Abercrombie de "urbanismo arquitetônico". É ligada ao conceito de cidade obra de arte integral, e não um organismo de crescimento indefinido, caprichoso, imprevisível.

As concepções urbanísticas de Christiano podem ser consideradas como fazendo parte do urbanismo arquitetonico. A estética era sua linha mestra. A quase

20. Entrevista concedida pelo Prof. Dr. Carlos Lemos, formado pela Faculdade de Arquitetura Mackenzie, em 1950.
21. GUADET. *Élements et Théorie de L'Architecture.*
22. ANHAIA MELLO, Luis. Pierre Charles l' Enfant e o plano da Cidade federal. *In: Instituto de Engenharia*, v. 26, n. 30, jul./1937.

exclusiva importância concedida à dimensão estética levava-o a considerar o urbanismo como um dos ramos da arquitetura. Em um de seus artigos "Por um governo sociocrático", onde traça um "esboço para uma nova organização político-administrativa da república brasileira" considerou o traçado de cidades e paisagismo ramos da arquitetura[23]. Achava redundante a denominação Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, como o seria dizer-se Faculdade de Medicina e Pediatria.

Para ele "cidade é arquitetura. Não é apenas função. Não é só para o corpo, mas, também, para o espirito"[24]. Por isso, o direito de construir, nas sociedades bem formadas, não pode ser separado do dever de se fazê-lo com beleza, razão de ser da Arquitetura, que é o resultado da mais alta civilização.

Considerava o urbanismo "palavra cabalística" com que se pretende criar uma nova profissão. Achava que nos planos de uma cidade, ou de um edifício, não se trata de atender somente às necessidades materiais do homem – isso seria o predomínio do "homo faber", que vê nas coisas materiais a única fonte de progresso. A tradição é que indica o caminho para a evolução da arte e a arte é uma cadeia que não pode ser rompida. Assim, toda edificação ou traçado de cidade que não obdecem aos principios da Arte (fim), e Tradição (meio) não são obras de Arquitetura.

Criticava tanto o urbanismo como a edificação funcional: "até agora só vimos teorias e fantasias visando satisfazer às necessidades materiais do homem. Não serão essas teorias e fantasias, bem como muita erudição sobre a matéria, que nos conduzirão a compor edifícios e cidades belas"[25].

No pensamento urbanístico de Christiano também encontramos contradições: ora não admite equipes para criações artísticas, recorrendo a Camillo Sitte : "uma obra de arte – e um plano de cidade é uma obra de arte – não pode ser criada por comissões e repartições, mas somente por um indivíduo"[26]; e, quando Prefeito, criou várias Comissões, entre as quais a Orientadora do Plano Diretor da Cidade, de Estética, para impedir que a cidade crescesse desordenadamente e sem censura estética.

A influência de Camillo Sitte em sua atuação reflete-se principalmente na importância, quase que exclusiva, dada à dimensão estética.

Encontramos entre os papéis avulsos do acervo de Christiano, comentários sobre os planos de melhoramentos da Prefeitura. Ele reclamava de não aparecer em nenhum dos planos a "grande artéria sugerida por seu pai, ligando a Ponte Grande ao Jardim América". Diz que a referida avenida encontrou "ferrenha oposição do então diretor de Obras Municipais, inconformado com a designação de profissional particular para esse fim." Lembra também que na gestão do Prefeito Firmiano Pinto,

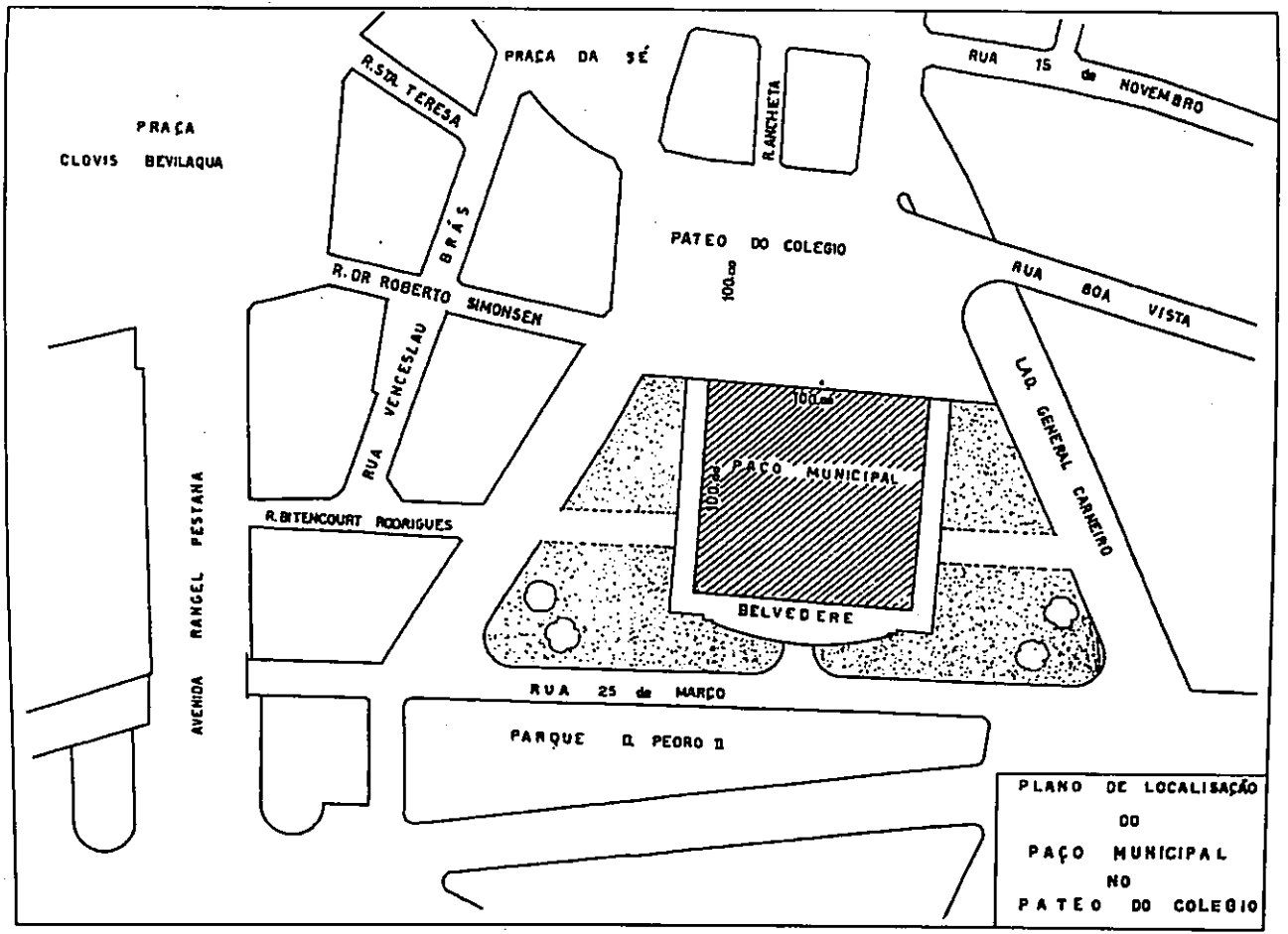
23. NEVES, C. S. *Por um governo sociocrático.* São Paulo, maio de 1955.
24. *Idem.* Arquitetura de cidades e Edifícios. In: *Revista de Engenharia Mackenzie*, 1941.
25. *Idem, ibidem.*
26. *Idem, ibidem.*

quando foi determinada a abertura da citada avenida, entre o Vale do Anhangabaú e a colina da Avenida Paulista, "foi encarregado de apresentar projeto para solucionar o problema das porteiras do Brás, bem como de projetar um Pavilhão de Festas, restaurante e um Café no Parque D. Pedro II. A pedido do Eng. Martins Barbosa, "por não haver arquitetos na Prefeitura", apresentou projeto para o túnel sob o antigo Trianon, com largura de 30 metros, precedido de uma grande Praça com fontes decorativas, escadarias monumentais.... "Ao invés da concepção monumental para o Túnel, foi feita uma outra simplista, com dois túneis estreitos semelhantes aos das estradas de ferro."

Christiano dizia que "era uma velha mania sua tentar resolver os grandes problemas da cidade. Em suas propostas para São Paulo deu prioridade aos problemas de tráfico, sem deixar entretanto de lado a questão da estética urbana. Um dos mais preocupantes problemas da cidade de São Paulo era a questão das porteiras do Brás. O bairro do Brás cresceu, transformou-se num dos maiores bairros operários da cidade e a ligação dessa área com o centro da cidade era prejudicada pela existência das porteiras da antiga Inglesa, a São Paulo Railway, cujos trilhos passavam nesse local. A proposta de Christiano para solução desse problema era "em elevado os trilhos da SPR sairiam do Ipiranga, passariam pela Mooca, Brás e atingiriam as proximidades do Pari. Embaixo, localizar-se-iam armazéns. As obras foram orçadas em 1923, em 30 mil contos, o projeto foi elogiado, mas não houve entendimento entre o governo do Estado, a Prefeitura, a direção da SPR e a União. O plano ficou engavetado. Mais tarde gastou-se muito mais para construir o viaduto do Gasômetro..."[27].

Outro de seus projetos foi o da localização de uma "estação rodo-ferroviária monumental", com frente para o Parque D. Pedro II, entre a Av. Rangel Pestana, que seria alargada, e as proximidades da rua da Moóca. As linhas ferroviárias seriam elevadas. Todos os trens da Sorocabana, Central do Brasil, e Santos-Jundiaí iriam ter aí, sem prejuízo das estações da Luz e Sorocabana. Desapareceria a Estação Roosevelt. O novo leito da Central do Brasil ficaria às margens do Tietê. O velho leito dessa ferrovia seria transformado numa larga e longa avenida, a Radial Leste, sem passagens superiores, antiestéticas. As linhas de ônibus seriam localizadas na parte inferior, com fácil acesso às vias Anchieta, Dutra e Anhangüera. Teríamos assim, uma estação moderna e próxima ao Centro. "Por isso, quando se fala de localização longe do perímetro central, de uma estação desse tipo, condeno a idéia e cito como exemplo Nova York, que tem essa estação em pleno coração da cidade". Por esse plano, o canal do Tamanduateí seria coberto, para dar lugar a uma ampla avenida, que seria ligada à Radial Leste.

27. *Idem*. O problema das porteiras do Brás, "uma velha mania" do "prefeito do desencanto". Entrevista concedida à *Folha da Noite*, 5 nov./1957.



Acervo Christinano Stockler das Neves - FAU/USP.

Christiano foi Prefeito de São Paulo por poucos meses, de 15 de março a 31 de agosto de 1947. Era de opinião que a cidade não poderia continuar crescendo desordenadamente. "Necessita zoneamento, e foi por isso que criou a Comissão Orientadora do Plano da Cidade. Criou também, enquanto Prefeito, o Departamento de Arquitetura, na Secretaria de Obras, para colaborar com a Comissão do Plano Diretor da Cidade e elaborar projetos para as construções municipais que fossem de vulto, bem como examinar, aprovar plantas de construções particulares, sua fiscalização, etc. Outra de suas iniciativas foi a criação da Comissão de Estética, cuja finalidade era "evitar abusos de uma certa liberdade plástica" preconizada por um falso modernismo. Seria um "órgão a zelar pela estética urbana, coisa que na Grécia constituía invejável magistratura, exercida por sábios e artistas." A Comissão foi constituída democraticamente, pois a cidade é de todos e não deste ou daquele partido, porém contra ela se insurgiu o órgão de classe dos arquitetos, invocando a "liberdade plástica"[28]. Nessa entrevista Christiano lembra que "todas as grandes cidades possuem comissões iguais, pois que o direito de construir não deve existir sem o dever de se o fazer com Beleza, razão de ser da Arquitetura".

Christiano considerou o plano maior de seu governo a localização do Paço Municipal no Páteo do Colégio, que "seria ampliado pois entendo que o Paço deve ser localizado ali, onde nasceu a cidade. Dali se descortina magnífica vista sobre o Parque D. Pedro II. O terreno necessário foi comprado aos jesuítas, por 360 contos de réis, pelo governo do Estado. Para espanto geral, a área adquirida foi doada aos jesuítas, para ali ser construída a igreja do Colégio, demolida por não possuir qualquer valor arquitetônico."

Considerava inadequada a localização no Paço "no buracão do velho Piques, em terreno limitado por duas avenidas de trânsito intensíssimo, no nivel inferior, e por um viaduto inclinado, nas mesmas condições, no nível superior. Não é admissível que, numa zona de colinas, como é a do centro de São Paulo, se possa dar preferência a um vale apertado para a localização de um edifício dessa natureza que, em todas as principais cidades do mundo, ocupa situação proeminente, isto é, que possa ser avistado de todas as partes. Seria admissível que o Partenon ficasse na parte baixa de Atenas e não na sua acrópole[29] ?

Por essas razões, demonstrou preferência pela localização do Paço no Páteo do Colégio, na colina histórica, tendo também frente para os vales do Tamanduateí e Tietê, muito mais amplos que o Anhangabaú. Sugeria que o Páteo fosse alargado, até o alinhamento da rua do Carmo, hoje Roberto Simonsen, desaparecendo "os obsoletos edifícios das velhas Secretarias ali existentes"[30]. Ficaria esse Páteo com

28. *Idem*. Entrevista concedida à *Folha da Noite* em 5 nov./1957.
29. *Idem*. Obstinação. O Paço Municipal, local impróprio. *Correio Paulistano*, 14 fev./1953
30. Os edifícios "obsoletos" mencionados eram as Secretarias da Agricultura e Fazenda, de autoria de Ramos de Azevedo.

100 metros de largura, sobrando para os edifícios e jardins, uma área superior a 10.000 metros. Nesse mesmo artigo, Christiano comenta o projeto do novo edifício, classificando-o como um verdadeiro "gaiolão", e lamentando que um assunto que interessaria à cidade toda, fosse resolvido no gabinete do Prefeito, sem a menor manifestação, inclusive da Câmara Municipal.

Um dos projetos urbanísticos de Christiano foi para o Parque Ibirapuera. Ofereceu o plano à cidade depois de deixar a Prefeitura, mas suas idéias não foram aceitas: segundo ele, o "plano não foi utilizado por não ser modernista, isto é, do tipo "amebiano".

Christiano também fez um plano para a Cidade Universitária de São Paulo, apresentado durante a gestão do reitor Prof. Linneu Prestes, no qual ele ressaltava "tratar-se apenas de uma concepção, elaborada numa semana apenas". Em sua opinião a escolha do terreno para a Cidade Universitária não foi uma solução feliz, pois esta "ficará sempre como um apêndice da cidade, fora das vias de grande circulação, escondida do público e dos forasteiros". Achava que "um conjunto grandioso como esse deveria estar situado nas proximidades das vias de grande movimento, tal qual como acontece com a Escola Nacional de Agricultura, Escola Militar de Rezende, Usina de Volta Redonda".

Pretendeu a Comissão, a princípio, situar o conjunto principal na colina, dadas às dúvidas que pairavam em ficar na várzea devido a provável inundação do Rio Pinheiros. O Prof. Anhaia Mello já havia manifestado o seu receio sobre a inundação da várzea, no caso de não funcionamento das bombas da Light, fazendo sentir a dependência em que ficaríamos de uma peça mecânica, sujeita a sérios inconvenientes. O Prof. Souza Campos, também manifestou-se a respeito, em seus estudos sobre a Cidade Universitária: "não pode ser escolhido o terreno contíguo ao Butantã, nas margens do Rio Pinheiros, por ser de nível inferior. É uma área inundável, imprópria para o caso em apreço. Cogitou-se, portanto, de uma área mais alta"[31].

A questão do estilo ou dos estilos das construções da Cidade Universitária também suscitou polêmicas. O prof. Anhaia Mello[32] afirmava que "arquitetos há, porém, de vários credos, uns são modernos, e se filiam a várias escolas internacionalistas, cubistas, néo-clássicas ou regionalistas: outros, antigos, se especializam na reprodução de vários estilos históricos ou tradicionais, outros, afinal, ecléticos, projetam e constróem de acordo com a predileção dos clientes".

O problema da tradição tão caro a Christiano, foi também objeto de análise de Anhaia Mello por ocasião do projeto da Cidade Universitária: "a tradição não é um legado do qual temos apenas o usofruto"....não é forma, mas espírito, tem que se adaptar ao progresso técnico e à evolução social. Nossa tradição é equilíbrio, é

31. NEVES, C. S. Documento apresentado em reunião na Reitoria em 17 de fevereiro de 1949.
32. ANHAIA MELLO, L. *A Arquitetura da Cidade Universitária. O problema da forma e o zeitgeist.* Palestra proferida em 24 de outubro de 1944, na Galeria Prestes Maia.

medida e moderação – somos inimigos de excessos, exageros e soluções exóticas". Lembrava que é preciso tornar eficientes e belas todas as estruturas que a nossa civilização exige, e venha a exigir : fábricas, habitações proletárias, estradas, pontes, cidades. E, nesse sentido, ele concordava com Christiano, de que "sem beleza não há arquitetura. Ser belo é função tão eficiente como ser conveniente e adequado. Satisfeita apenas a função, a conveniência, ainda não se faz arquitetura."

A personalidade inflexível de Christiano, seu caráter decidido, o vigor com que defendia seus valores e crenças, a meticulosidade no ato de projetar, sua devoção à Arquitetura, e aos ensinamentos das *Beaux Arts*, seus esforços em defender a classe dos arquitetos, valeram-lhe muitas inimizades e fizeram dele uma das figuras mais polêmicas da arquitetura paulista.

A POLEMICAL ACTUATION

ABSTRACT: The architect Christiano Stockler das Neves since the 1910's has participated with his father in the urban development of São Paulo. He had an important role in the process of verticalization of the city and in the introduction of new building techniques. The influence received from the École des Beaux Arts through the University of Pennsylvania, where he got his architectural degree, was fundamental for his constant search for beauty, the respect of tradition and his critics of modern architecture. Founder of the architecture department at the Mackenzie Engineering School in 1917, and first director until 1957, taking active part in the formation of 40 classes of architects.In 1929 he was one of the initiators of IPA, Paulista Institute of Architects.

KEYWORDS: Christiano Stockler das Neves; urban development; verticalization; teaching architecture; oposition to modernism.